

SERIA A AFASIA UM ESPELHO INVERTIDO DA AQUISIÇÃO?

Vítor Jochims Schneider¹

Resumo

A hipótese do espelho invertido formulada por Roman Jakobson em *Linguagem infantil, afasias e universais fonológicos* (1941) teve importante repercussão nos meios acadêmico e clínico. De acordo com o linguista, as estruturas adquiridas tardiamente pela criança estão sujeitas a desaparecer primeiro na fala de sujeitos afásicos. A hipótese do espelho invertido, primeiramente tomada como base para futuras pesquisas empíricas, passou a ser questionada por diversos estudos vinculados a pesquisas neurolinguísticas. Tendo em vista essa série de ressalvas levantadas por esses estudos, o presente trabalho tem como meta discutir a produtividade da hipótese de Jakobson para a prática de uma clínica de linguagem.

Palavras-chave: aquisição de linguagem, afasia, hipótese do espelho invertido, Roman Jakobson.

1. Na trilha de Roman Jakobson

A linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos
– pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela
linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.
R. Jakobson

Apresentar Roman Jakobson (1896 – 1982) de forma sucinta é uma tarefa complexa. Autor de mais de 600 textos, entre livros e artigos, publicados em mais de 20 línguas, Jakobson tem uma obra vasta não apenas em sua extensão mas também na abrangência de temas. Uma breve leitura de sua produção bibliográfica (JAKOBSON, 1962) revela o diálogo estabelecido pelo autor com diversas áreas do conhecimento – antropologia, mitologia, teoria literária – que sustenta sua teoria linguística. Os textos de Jakobson revelam-se interessantes para nós, sujeitos leitores em uma era marcada pela especificidade e sede de cientificidade empírica. Ao contrário das pesquisas atualmente em destaque, que tem como objeto de estudo a linguagem reduzida a operações formais quantificadas, as investigações de Jakobson tomam linguagem como o traço que define o ser humano em suas diversas condições e fazeres.

Falar de linguagem em Jakobson é falar de funcionamento - o processo contínuo de seleção de entidades linguísticas e de combinações dessas em um nível mais elevado de complexidade. Esse processo, para Jakobson, e isso o aproxima da antropologia de Lévi-Strauss, é o próprio fundamento da cultura, pois é verificável em todas as produções simbólicas do homem (FLORES, V., 2009).

A fonologia estrutural, disciplina pela qual Jakobson tornou-se presente em grande parte

das bibliografias de pesquisas sobre aquisição de linguagem, foi fruto da tradução que o linguista realizou de poesias russas para a língua tcheca. Ao observar as diferentes musicalidades das línguas, o autor decidiu investigar de modo objetivo o que sustentava tais diferenças. Ao tomar contato com as ideias de Ferdinand de Saussure, Jakobson dá forma a seus questionamentos sobre as relações entre som e sentido. Anos mais tarde, juntamente com Nicolai Trubetzkoy e outros linguistas, Jakobson publica as *Teses de 29*, conjunto de escritos produzidos em uma série de encontros científicos nos quais são definidas bases teóricas para os estudos linguísticos vindouros. Os conceitos de fone, fonema, alofone e traço distintivo estão entre os temas abordados nesses escritos.

Na década de 20, Jakobson participa do *V Congresso Internacional de Bruxelas*, no qual apresenta suas ideias sobre a tipologia das línguas no mundo e os universais linguísticos. Nesse momento, o autor dedica-se a relacionar dados de aquisição de linguagem e estruturas de diversas línguas no mundo. Nesse período de sua produção, Jakobson formula sua hipótese de que as línguas são estruturadas sincronicamente por *leis de solidariedade irreversíveis*, paradigma advindo da fenomenologia de Husserl. Tal conceito será essencial para compreender sua investigação sobre o modo de estruturação dos elementos de uma língua.

Nos anos 40, por motivos políticos, Roman Jakobson migra para Suécia. Vinculado à Universidade de Upsala, o linguista encontrou um novo material para estudo a sua disposição na clínica psiquiátrica da instituição: as afasias. Após um período de observação da fala de pacientes afásicos, Jakobson aprofundou seus estudos sobre a universalidade das estruturas das línguas do mundo tanto na fase de aquisição, como na deterioração da linguagem. A hipótese de que aquilo que é adquirido nos primeiros estágios da aquisição é mais permanente na fala de afásicos foi popularizada como *hipótese do espelho invertido*.

2. A hipótese do espelhamento e suas leituras

A regressão afásica revelou-se um espelho da aquisição de sons da fala pela criança; ela mostra o desenvolvimento da criança ao inverso. Mais ainda, a comparação entre a linguagem infantil e a afasia nos permite estabelecer diversas leis de implicação. (JAKOBSON, R., 1973 p.)

No artigo, *Dois aspectos da linguagem em dois tipos de afasia*, publicado em 1956, após suas investigações na Suécia, Jakobson refere-se à afasia como a dissolução do sistema fonológico, que se verifica no sujeito como a perda da capacidade de identificar as oposições fonológicas do sistema da língua. Segundo o autor, a afasia se manifesta como uma regressão, pois a dissolução que se observa na fala do afásico apresenta uma ordem temporal de grande regularidade que pode ser vista como o inverso do processo de aquisição.

A *hipótese do espelho invertido*, tal como ficou popularizada, teve notável repercussão nos meios acadêmicos e clínicos. Referências às investigações de Jakobson são encontradas em diversos trabalhos dirigidos para a atuação na clínica de linguagem (RONDAL, et alli, 2007), (PEÑA-CASANOVA, J. & BANGUNYÀ, J., 1997), (HORNER, J. Et alli, 1994), (SERON, X. & FEYEREISEN, P., sd).

Diversos estudos, no entanto, propuseram uma revisão da hipótese do espelhamento, ou mesmo sua inviabilidade. Gleason & Wolf (1988), por exemplo, apoiados nas pesquisas das neurociências, afirmam que a busca por uma equalização ente o sistema linguístico em

desenvolvimento e em dissolução, apesar de muito elegante para os estudos interdisciplinares, não apresenta validade alguma, visto que um cérebro adulto e um cérebro infantil em desenvolvimento são duas entidades incomparáveis.

Menos taxativo é o trabalho de Lecours, A. & Lhermitte, F. (1979), autores que fazem uma série de ressalvas à formulação do linguista. Segundo esses, a comparação entre aquisição e dissolução da linguagem deve ser questionada metodologicamente, pois as produções linguísticas de sujeitos afásicos não se submetem a generalizações do mesmo modo que a fala de crianças no período de aquisição. Diferente da criança que é implicitamente tomada em conjunto, um conjunto de sujeitos afásicos sempre apresentará heterogeneidade irreduzível.

Scarpa (2005) afirma que diversos pesquisadores buscaram ler a hipótese de Jakobson dando ênfase apenas para a inversão das ordens de aquisição e de desaparecimento dos fonemas. A simplificação da hipótese de Jakobson, segundo a autora, propiciou a produção de diversas críticas, pois os dados empíricos em alguns momentos não condizem com a proposta do linguista. Scarpa acrescenta que a previsão de tendências na ordem da aquisição é a porção mais periférica da formulação de Jakobson; a centralidade de sua tese está no caráter relacional que rege as oposições do sistema fonológico.

Diante de leituras que apontam empiricamente para a inviabilidade da hipótese do espelho, acreditamos ser necessário resgatar uma afirmação do próprio Jakobson, completamente ignorada pela pesquisa linguística: *qualquer tentativa de restringir os sons da linguagem a um puro empirismo está fadada ao fracasso* (1963, p. 50).

Se nos propusermos a investigar a linguagem enquanto faculdade simbólica do homem, não poderemos tomá-la como objeto extenso, ou mesmo ferramenta comunicacional, passível de ser apontado como concreto. Retomando o paradigma fenomenológico, tão caro a Jakobson, a investigação da natureza das coisas está na análise dessas em suas disposições no mundo. Por esse paradigma é possível ler nas formulações de Jakobson um interessante material para se pensar o funcionamento da linguagem conforme as diferentes posições ocupadas por sujeitos ao se inserirem na linguagem, isso é, ao colocá-la em funcionamento.

Nas próximas seções, buscaremos oferecer uma leitura da hipótese do espelhamento que se aproxime da observação de Scarpa (2005) e da influência fenomenológica que inspira o linguista em questão. A partir das obras *Linguagem infantil e afasia e universais fonológicos* (1941) e *Dois aspectos da linguagem em dois tipos de afasia* (1956), será investigada a centralidade do caráter relacional que estrutura as oposições dos sistemas fonológicos da criança, do afásico e das línguas no mundo.

3. A linguagem em estado nascente

Baseando-se nos trabalhos de interface entre linguística e psicologia de Karl Bühler (1879–1963) e Antoine Grègoire (1871–1955), Jakobson traz como base para sua investigação sobre aquisição o fato de que durante o período de balbúcio a criança é capaz de produzir uma vasta série de articulações sonoras que não são encontrados no repertório fonológico de uma única língua, ou mesmo em uma determinada família de línguas. Se compararmos as produções de uma criança na fase de balbúcio com as de um falante de qualquer língua, verificaríamos que a criança produz uma maior variedade de sons do que o adulto. Observa-se que no princípio do processo de aquisição, a criança perde a capacidade de produção sonora livre; suas possibilidades articulatórias são reduzidas àquelas que fazem parte do repertório fonológico da língua em

questão. Somente aquilo que possui valor distintivo deverá ser manifesto.

A passagem da fase de balbucio para o começo da produção de enunciados que se assemelham à língua do adulto, na concepção de Jakobson, corresponde à emergência das oposições fonológicas do sistema da língua. As produções sonoras que estavam vinculadas a atividades fisiológicas passam a receber valor linguístico graças às oposições que virão a ser marcadas entre os diferentes gestos fonológicos. Sendo o signo linguístico regulado pelo princípio da arbitrariedade, somente a capacidade de distinguir uma unidade de outra sustenta o aprendizado do sistema de uma língua.

De acordo com observações realizadas em diversos ambiente linguísticos, existe uma cronologia relativa da aquisição de fonemas que tende a ser universal. É importante ressaltar o aspecto *relativo* dessa cronologia, jamais absoluto. Não é possível prever com que idade tais estruturas linguísticas tendem a comparecer na fala da criança, porém é possível prever uma ordem – independentemente da idade – para a emergência de oposições fonológicas que se expressam na produção e identificação de fonemas.

De acordo com Jakobson, a proposta de que a ordem de aquisição dos fonemas apresenta uma tendência universal por motivos fisiológicos não apresenta validade. Se os fonemas para os quais criança leva mais tempo para adquirir já foram alguma vez produzidos por ela durante a fase do balbucio, o condicionamento fisiológico parece não ser o que rege a cronologia da aquisição de fonemas. Com esses argumentos, Jakobson toma como inválida a *lei de Schültze*, proposição ainda em voga na primeira metade do século passado, segundo a qual a aquisição dos fonemas obedece a uma ordem cronológica de acordo com a lei do menor esforço. Segundo o linguista, não existem critérios seguros para definir o que seria o menor esforço; somado a isso, a observação da fase do balbucio prova que a fisiologia da criança é capaz de articular sons livremente; somente quando esses recebem valor fonológico é que o ordenamento cronológico se instaura. Trata-se, portanto, de uma motivação linguística e não fisiológica.

A aquisição de fonemas pode ser lida então como a reconquista, a custa de algum esforço, dos sons produzidos durante a fase de balbucio, aos quais serão atribuídos valores relacionais. Enquanto o balbucio é uma produção sonora livre, vinculado a funções biológicas, a produção linguística que se verifica nos enunciados é fruto de um trabalho de seleção e combinação de elementos. Tais elementos compõem o sistema da língua em questão a partir de relações de oposição. Jakobson propõe que a aquisição desses elementos apresenta uma ordem cronológica comum em diversas línguas que é regulada por leis de solidariedade irreversíveis que estruturam toda linguagem humana.

A cronologia de aquisição dos fonemas é investigada de modo estrutural. Para Jakobson não é possível falar simplesmente na aquisição de fonemas que se expressam na fala da criança; a aquisição, do ponto de vista fonológico, refere-se à capacidade de identificar valores opositivos expressos nos traços distintivos que compõem os fonemas.

Tento em mente que o fonema é a unidade linguística desprovida de significado, mas capaz de diferenciar significados quando combinada num nível de análise mais complexo, a aquisição fonológica pode ser lida como uma ampliação do número de valores opositivos entre os elementos que compõem o sistema de uma dada língua. Não se trata da capacidade de produzir determinado fone; mas sim de ser capaz de diferenciar o conjunto de feixes articulatórios de outros para que isso se manifeste em níveis mais complexos, como o do lexema, por exemplo.

Retomando a perspectiva funcionalista de Jakobson, segundo a qual falar implica concomitantemente os processos de seleção e de combinação de elementos em níveis sempre mais complexos, a aquisição de uma língua é o processo de aumento das possibilidades combinatórias, pois as massas sonoras antes indiferenciadas passam a assumir valores distintos, oferecendo um maior repertório de unidades em oposições para operar o código. Se inicialmente o sistema fonológico da criança possui, no âmbito das consoantes, apenas a oposição oral/nasal, expressa pelos fonemas /p/ e /m/, tipicamente representados por /papa/ e /mama/, perceberemos que ao longo do processo de aquisição esse elenco de unidades se ampliará graças à capacidade de identificar oposições menos contrastivas.

Segundo Jakobson, a primeira oposição operada pela criança é o par oral-nasal, no repertório das consoantes. No plano das vogais, a primeira oposição ocorre entre vogal aberta e fechada. Em seguida, nas consoantes será processada a série de oclusivas, que serão distinguidas entre labiais e dentais; por fim, surgirão as oclusivas posteriores. Nas vogais, verifica-se que entre as produções mais extremas surgirão oposições intermediárias.

Similar à constatação de Jakobson de uma cronologia universal para aquisição são os estudos atuais de perspectiva gerativista de Lamprecht (2004) para o português brasileiro. Segundo a autora, as oclusivas são os primeiros segmentos a serem adquiridos pela criança. As plosivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, e as nasais /m/ e /n/ estão adquiridas entre 1:6 e 1:8. A autora propõe que a aquisição das oclusivas seja examinada em três etapas. Num primeiro momento, o repertório fonológico é composto por /p/ ; /b/; /t/ ; /k/. Numa segunda fase, é acrescentado o fonema /d/, e por fim, o fonema /g/.

Ainda em acordo com Jakobson, Lamprecht (2004) afirma que as fricativas seguem as plosivas e nasais na ordem de aquisição, sendo as fricativas labiais as primeiras a serem adquiridas nessa classe. Segundo a autora, aos 1:8, o /v/ encontra-se adquirido, e aos 1:9, o /f/ está adquirido. As coronais /s/, /z/, /ʃ /, /ʒ/ são de aquisição mais tardia. O /s/ encontra-se adquirido aos 2:6, o /z/ aos 2:0, o /ʃ / aos 2:10 e o /ʒ/ aos 2:6.

O trabalho de Lamprecht apresenta uma riqueza de detalhes e precisão infinitamente superiores aos dados examinados por Jakobson, porém é possível verificar que ambos os estudos apresentam uma cronologia relativa bastante semelhante para aquisição de consoantes oclusivas e fricativas.

A aquisição das líquidas laterais /l/ e /λ/ e das líquidas não-laterais /r/ e /R/ do português brasileiro é marcada por ser de domínio mais tardio. Para Lamprecht (2004), o que justifica essa aquisição tardia desses fonemas e a abundância de processos fonológicos, tanto no português brasileiro como em outros sistemas lingüísticos, é o fato de esta classe ser bastante complexa, tanto do ponto de vista articulatorio quanto do fonológico (LAMPRECHT, 2004).

Como observado anteriormente, a fase do balbucio nos permite verificar que mesmo fones de complexidade articulatoria são produzidos sem dificuldades. Portanto, a fisiologia desses atos não justifica a ordem de aquisição. Portanto, mesmo colhendo dados semelhantes sobre a ordem cronológica de aquisição das consoantes, as ideias de Jakobson e Lamprecht se distanciam no que tange a causa dessa ordenação. Para o autor da hipótese do espelhamento, o ordenamento relativo da aquisição fonológica está vinculado às leis de solidariedade irreversíveis que regem as estruturas da linguagem humana. Tais leis serão investigadas no próximo item ao examinar a sincronia das línguas no mundo.

4. A sincronia das línguas no mundo

Tomemos como passo inicial a constatação de que na criança a produção de oclusivas posteriores ocorre após a estabilização das anteriores. O mesmo é observado nas línguas do mundo. As línguas que possuem oclusivas posteriores no seu inventário fonológico possuem também as anteriores. O inverso não se verifica, podendo ser possível a existência de línguas com oclusivas anteriores e sem posteriores. Daí deriva-se uma lei de solidariedade: as oclusivas posteriores pressupõem as oclusivas anteriores num dado sistema. Em termos gerais, e lei seria: um valor secundário não existe sem seu correspondente primário.

Tal aproximação entre linguagem infantil e línguas no mundo não sugere de modo algum que a evolução das línguas obedeça a padrões semelhantes à aquisição. É de conhecimento geral o fato de que as línguas primitivas apresentam a mesma complexidade que as línguas modernas. As aproximações entre evoluções filogênicas e ontogênicas dificilmente apresentam validade. O que Jakobson demonstra com suas observações é que tanto a fala da criança como a do adulto obedecem às mesmas leis estruturais.

5. A linguagem em dissolução

Assim como A. Grecoire e K. Bühler afirmam que a observação da transição da fase do balbucio para o período de aquisição permite ao pesquisador observar a linguagem em estado nascente, Jakobson aponta que as patologias do sistema nervoso central possibilitam observar a linguagem em dissolução. As afasias são compreendidas como o distúrbio de linguagem resultante de uma lesão do sistema nervoso central, causada normalmente por um acidente vascular cerebral (AVC) ou traumatismo crânio-encefálico (TCE), ou mesmo pelo desenvolvimento de um tumor na região cerebral responsável pelo processamento da linguagem.

A palavra afasia deriva do radical grego *fasia*, que significa elemento de composição. Uma leitura atenta da palavra permite relacionar sua etimologia com a teoria linguística. Jakobson propõe que a afasia é uma falha da função semiótica, isso é, do agenciamento dos elementos do sistema da língua em níveis mais elevados de complexidade.

Nos casos de afasia, o que se verifica não é a incapacidade de produzir determinados fonemas, visto que em muitos dos casos os órgãos articulatórios bem como o aparelho bulbar não estão lesionados. O desaparecimento de determinados fonemas na fala do afásico se deve à perda da capacidade de distinguir as oposições fonológicas que sustentam as unidades linguísticas do sistema da língua.

[...] a redução da capacidade de pronunciar ou perceber sons não é essencial para a desaprendizagem do afásico; somente a capacidade de distinguir sons funcionalmente significantes é importante. É aqui que se pode encontrar a origem essencial dos distúrbios afásicos de produção e compreensão sonora. (JAKOBSON, 1963, p. 32)

O sujeito afásico pode ser perfeitamente capaz de reproduzir determinados sons em uma atividade terapêutica, porém o valor fonemático desse gesto fonatório foi perdido. Provavelmente esse mesmo gesto produzido pela repetição não será produzido na fala espontânea, visto que houve uma perda mnêmica do valor linguístico dessa unidade articulatória. Comparativamente, é como se determinados gestos fonológicos retornassem ao valor puramente fisiológico das produções sonoras da fase do balbucio.

Jakobson sugere que o desmantelamento do sistema fonológico é a *origem essencial* dos distúrbios apresentados pelos sujeitos afásicos. Tal proposição apoia-se no fato de que a

incapacidade de diferenciar as unidades do sistema fonológico implica dificuldades de expressão e compreensão. Não havendo diferenciação de um determinado número de fonemas, verifica-se a proliferação de homônimas. No que se refere à compreensão, não ocorre apenas uma proliferação de homofonia, mas sim um aumento da polissemia dos signos. Sem uma acuidade da função semiótica, o sujeito apoia-se nas contingências do contexto para interpretar os enunciados que lhe são emitidos.

Retomando uma das críticas à hipótese do espelhamento de Jakobson, Lecours, A. & Lhermitte, F. (1979) sugerem que a variabilidade das lesões cerebrais produz diferentes tipos de afasia, portanto uma *origem essencial* para as dificuldades de expressão e compreensão dos afásicos não apresenta validade.

A semiologia e classificação das afasia é um campo infinito dentro dos estudos da neuropsicológico e da neurolinguística. Para se ter um contato rápido com a vastidão das questões, uma consulta ao *Vocabulário dos distúrbios da comunicação* (NICOLSI, L., 1996), revela que o verbete afasia é composto, além da clássica classificação em afasia de Broca e de Wernicke, por outros 35 sub-verbetes que descrevem diferentes tipos de afasias. O próprio Jakobson se propôs a investigar em diálogo com a neurociência de A. Luria a complexidade desses fatos nos textos *Afasia como um problema linguístico*, de 1955, e *Tipos linguísticos de afasias*, de 1966.

Se observarmos que para Jakobson a linguagem se manifesta num processo de seleção e combinação das unidades do código linguístico, poderemos ler aquilo que ele define como *origem essencial* dos distúrbios apresentados pelos afásicos. Segundo o autor, ao processar as unidades do código em níveis mais complexos, o sujeito falante ascende em uma escala de liberdade.

Existe pois, na combinação de unidades linguísticas uma escala ascendente de liberdade. Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal da criação de palavras. Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coerção. (JAKOBSON, 1973, p.39)

Sendo a afasia um quadro de dissolução do sistema fonológico do falante, podemos dizer que é justamente na primeira etapa desse processo que o sujeito afásico encontra-se aprisionado. Justamente no nível linguístico em que é inviável desfrutar de qualquer liberdade criativa, o afásico não é capaz de identificar com precisão os valores opositivos dos fonemas. Assim, aquilo que for combinado no nível morfológico já estará comprometido, e as unidades desse nível não entrarão as oposições necessárias para se sustentarem como unidades linguísticas reais. Assim, é possível compreender na proliferação das homônimas e paronímias de alguns afásicos, cristalizadas em jargonismos, a origem desse sintoma como uma falha da função semiótica, isso é, da capacidade de utilizar os elementos do código.

6. Rer a hipótese do espelho invertido

Ao traçar o paralelo entre aquisição e afasia, Jakobson afirma que há nos dois fenômenos linguísticos uma sequência regular de estágios. Se na criança há um progresso, um aumento dos valores opositivos que compõe o sistema fonológico, nos afásicos verifica-se uma diminuição.

Segundo o autor, *a dissolução do sistema sonoro linguístico no afásico fornece uma exata imagem-espelho do desenvolvimento fonológico na linguagem da criança* (1963, p.60).

A leitura simplificada da hipótese do espelho invertido seria de que as estruturas adquiridas tardiamente pela criança são os primeiros sujeitos a desaparecer na fala sujeitos afásicos. Entretanto, tal simplificação não encontra na empiria comprovação. Schogt & Bhatt (1990), por exemplo, afirmam que é possível observar uma ordem de aquisição das oposições fonológicas na criança; porém é inviável determinar a ordem em que ocorre a regressão de tais oposições, visto que a dissolução da função semiótica ocorre em um repentino ataque.

Trazendo para a discussão as observações de Scarpa (2005), propomos que a hipótese do espelhamento apresenta uma maior produtividade para a clínica de linguagem se nos ativermos não ao que se refere à ordem cronológica das aquisições e da dissolução. A imagem do espelho invertido torna-se mais nítida se tomamos o fato central de que tanto a linguagem da criança como a do afásico estão sujeitas às mesmas leis que organizam as línguas do mundo. Para uma melhor visualização dessa perspectiva de leitura, citaremos aqui algumas das proposições de Jakobson que apresentam tais relações:

O primeiro estágio da linguagem da criança começa com uma clara distinção e delimitação das consoantes e vogais. Esse mesmo contraste pode ser ainda percebido no afásico quando as outras distinções sonoras foram perdidas (1963, p.69).

Segundo o linguista, a criança adquire primeiramente os traços distintivos que se opõem por um forte contraste. Se observarmos o vocalismo mínimo que se instaura na linguagem infantil, verificaremos que a vogal aberta /a/ será acompanhada por uma vogal fechada, por exemplo /i/. Somente após a consolidação desse par mínimo, surgirão elementos intermediários para compor uma série paradigmática. Assim, pode-se dizer que numa série os primeiros elementos a compor o sistema mínimo serão sempre os mais constrativos; os elementos intermediários virão tardiamente. Tal arranjo pode ser verificado inversamente na fala dos afásicos. Os elementos que desaparecem da série paradigmática dificilmente serão os de maior contraste, mas sim os elementos de menor contraste, ou seja, os elementos intermediários.

Tal observação corrobora a lei de solidariedade irreversível que governa a aquisição, a sincronia das línguas no mundo e a dissolução da linguagem. Jakobson observa que *o estrato mais alto sempre é abolido antes do mais baixo; a ordem na qual os sons da fala são restaurados no afásico durante o processo de recuperação corresponde diretamente ao desenvolvido na linguagem da criança*. (1963, p.62)

Em outras palavras, os valores secundário podem ser apagados da série paradigmática sem alteração dos valores primários; porém, o apagamento de valores primários implicará o apagamento dos valores secundários. Essas mesmas leis são válidas para o exame das línguas no mundo. Uma língua pode vir a perder de seu sistema elementos intermediários que se opõem por traços distintivos mínimos, mas dificilmente abolirá uma oposição de alto contraste.

Observando com atenção o texto de Jakobson atenção, perceberemos que sua hipótese não se resume a uma ordenação cronológica da aquisição que se inverte para afasia. Na realidade, sua hipótese de espelhamento é mais válida se considerarmos que os fenômenos de aquisição e afasia, antes de serem comparado um com o outro, devem ser tomados juntamente com a sincronia das línguas no mundo; através de uma observação trinitária é possível ver no espelhamento um aporte teórico que subsidie uma prática clínica. *A mesma hierarquia de valores sempre subjaz a todo aumento e perda dentro de qualquer sistema fonológico* (1963,

p.65).

Referências

- COHEN, M. El aprendizaje de la palabra durante los primeros años de la infancia. IN *Psicología del lenguaje*. Editorial Paidós, B. Aires, 1952.
- FLORES, V.; SURREAUX, L.; KUHN, T. Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- FLORES, V. (org.) *Dicionário de linguística da enunciação*. Editora Contexto, São Paulo, 2009.
- GELB, A. Observaciones generales sobre la utilización de los datos patológicos para la psicología y la filosofía del lenguaje. IN *Psicología del lenguaje*. Editorial Paidós, B. Aires, 1952
- Gleason, J. & Wolf, M. Child language, aphasia, and language disorder: Naming as a window on normal and atypical language processes. *Aphasiology*, 2, 289-294, 1988.
- GOLDSTEIN, K. El análisis de la afasia y el estudio de la esencia del lenguaje. IN *Psicología del lenguaje*. Editorial Paidós, B. Aires, 1952
- HORNER, J. et al. Models of aphasia treatment. IN CHAPEY, R. (editor) *Language intervention strategies in adult aphasia*. Williams & Wilkins, Baltimore, 1994.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia, IN JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*, Editora Cultrix, São Paulo, 1973.
- JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Moraes Editores. São Paulo, 1977.
- JAKOBSON, R. *Selected writings vol. I. Phonological studies*. Mouton de Gruyter, New York, 1962.
- JAKOBSON, R. Lenguaje infantil, afasia y leyes generales de la estructura fónica. IN JAKOBSON, R. *Lenguaje infantil y afasia*. Editorial Ayuso. Madrid, 1963.
- LACOURS, A. & LHERMITTE, F. *L'aphasie*. Presse de l'Université de Montreal, Montreal, 1975.
- LAMPRECHT, R. R. *Aquisição fonológica do Português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PEÑA-CASANOVA, J. & BANGUNYÀ, J., *Bases neurobiológicas da linguagem*. IN PEÑA-CASANOVA, J. *Manual de fonoaudiologia*, Artes médicas, Porto Alegre, 1997.
- RONDAL, J. Et al. Desenvolvimento da linguagem oral. IN PUYUELO, M & RONDAL, J. *Manual de desenvolvimento e alterações da linguagem na criança e no adulto*. Artmed, Porto Alegre, 2007.
- SCARPA, E. Marcado vs. Não-marcado na aquisição e na afasia. IN *Estudos Linguísticos XXXIV*, Campinas, p. 839-844, 2005.
- SERON, X. & FEYEREISEN, P. *Neurolinguistique*. IN RONDAL J. (org.) *Troubles du langage – diagnostic et reeducation*, Pierre Mardage, Bruxelas, sd.